REVISTA ÍTACA

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

DOSSIÊ
ENTRELAÇAR: TESSITURAS FILOSÓFICO-LITERÁRIAS

ISSN 1679-6799

Nº 45, 2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

PPGF
PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM FILOSOFIA UFRJ

Reitor
Roberto Medronho

Vice-Reitora
Cássia Turci

Diretora
Mayra Goulart

Vice-Diretora
Julia O'Donnell

Chefe do Departamento de Filosofia
Rafael Haddock-Lobo

Coordenador do PPGF/UFRJ
Fernando Santoro

Vice-Coordenador do PPGF/UFRJ
Henrique F. Cairus

REVISTA ÍTACA | EQUIPE EDITORIAL

Editoria Geral
Bruno Latini Pfeil (PPGF/UFRJ)
Cello Latini Pfeil (PPGF/UFRJ)
Quésia Olanda (PPGF/UFRJ)

Organização do Dossiê
Guilherme Cadaval (UFRJ)
Pâmela Bueno Costa (PPGF/UFRJ)
Quésia Olanda (PPGF/UFRJ)
Rafael Haddock-Lobo (UFRJ)

Capa
Larissa Medeiros (PPGF/UFRJ)
Quésia Olanda (PPGF/UFRJ)

Diagramação
Beatriz Zampieri (PPGF/UFRJ)

Produção Editorial
Beatriz Zampieri (PPGF/UFRJ)
Larissa Medeiros (PPGF/UFRJ)
Pâmela Bueno Costa (PPGF/UFRJ)
Quésia Olanda (PPGF/UFRJ)

Conselho Editorial
Martha Bernardo (PPGF/UFRJ)
Pâmela Bueno Costa (PPGF/UFRJ)
Viviane Rodegheri (PPGF/UFRJ)

Comissão Editorial
Adriano Negris (UERJ)
Carla Rodrigues (UFRJ)
Fabio Borges do Rosário (UFRJ)
Fernando Rodrigues (UFRJ)
Guilherme Cadaval (UFRJ)
Juliana Aggio (UFBA)
Marcelo José Derzi Moraes (UERJ)
Rafael Haddock-Lobo (UFRJ)

Editoria de Seção
Andre L. M. T. Nogueira (PPGF/UFRJ)
Bruno Latini Pfeil (PPGF/UFRJ)
Carla Regina dos Santos Rocha (PPGF/UFRJ)
Catherine Daher (PPGF/UFRJ)
Cello Latini Pfeil (PPGF/UFRJ)
Lorena Silva Oliveira (FAPERJ/UFRJ)
Lucas de Moura J. Souza (PPGF/UFRJ)
Pâmela Bueno Costa (PPGF/UFRJ)
Vanessa Pereira Dias (PPGF/UFRJ)
Viviane Rodegheri (PPGF/UFRJ)

REVISTA ÍTACA | UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ISSN 1679-6799
Disponível na internet: https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca
Secretaria do Programa de Pós-graduação em Filosofia
A/C Comissão Editorial da ÍTACA
Largo de São Francisco de Paula, 1 sala 310 - Centro
Rio de Janeiro - RJ CEP: 20051-070
E-mail: revistaitacappgf@gmail.com

SUMÁRIO

5 EDITORIAL
Guilherme Cadaval, Pâmela Bueno Costa,Quésia Oliveira Olanda e Rafael Haddock-Lobo

9 OS TECIDOS DE PLATÃO
Salma Soria

20 KANT EM TEMPOS DISTÓPICOS
Douglas Garcia Alves Júnior

27 LITERATURA E SOCIEDADE: CRÍTICA À MODERNIDADE OCIDENTAL E AO PROGRESSO EM O CROCODILO E NOTAS DE INVERNO SOBRE IMPRESSÕES DE VERÃO DE F. DOSTOIÉVSKI
Paulo Cesar Jakimiu Sabino

54 O DRAMA WAGNERIANO E A ESPERANÇA NO RESSURGIMENTO DA CULTURA ALEMÃ
Natalia de Andrade Pereira

78 LITERATURA E FILOSOFIA EM TRÂNSITO: OS ORLANDOS DE WOOLF E PRECIADO
Cíntia Maciel e Nicole A. Marcello

95 NIETZSCHE E O PLURALISMO ESTÉTICO: PARADIGMA LITERÁRIO SEGUNDO ALEXANDER NEHAMAS
Talita Leal Santos

107 ANGÚSTIA E A PROVISORIEDADE DA EXISTÊNCIA EM HEIDEGGER E DOSTOIÉVSKI
Paulo Campêlo

145 O PERIGO DA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA: UMA ANÁLISE FILOSÓFICA DA RELAÇÃO ENTRE LITERATURA, ÉTICA E CULTURA
Giovani do Carmo Júnior

181 O CORPO FEMININO COMO EXPRESSÃO POÉTICO-ARTÍSTICA E POLÍTICA

Aline de Oliveira Rosa

212 RESENHA - (IM)POLITICIDADES DERRIDIANAS: ALGUNAS LECTURAS PERIFÉRICAS DE LA DECONSTRUCCIÓN.

Bruno Latini Pfeil

EDITORIAL

Guilherme Cadaval, Pâmela Bueno Costa, Quésia Oliveira Olanda e Rafael Haddock-Lobo

É com grande satisfação que a Revista Ítaca apresenta sua edição nº 45, dedicada ao dossiê *Entrelaçar: tessituras filosófico-literárias*. Organizado em dois volumes, os textos reunidos neste número seguem o fio que aproxima filosofia e literatura, estendendo-o também às artes em geral, na aposta de que esses campos se entrecruzam como modos singulares de pensamento.

Sabemos que não é recente a querela entre a filosofia e o que hoje chamamos de literatura. Desde Platão, o perigo que a prática literária representava ao pensamento filosófico se manifestava na necessidade de expulsar os poetas da *polis*. Poderíamos dizer, talvez, seguindo os fios de Jacques Derrida, que os poetas sempre agiram de maneira a misturar os gêneros. Por outro lado, é impossível deixar de notar que, se a filosofia surge buscando afirmar sua identidade, ela só pode fazê-lo diante de um outro que lhe aparece como o risco terrível de sua própria ruína, de fato, como a ruína do "próprio". Nesse sentido, o gesto imunizante não seria apenas secundário, mas participaria da própria constituição da filosofia num dentro/fora indecidível.

Dois milênios mais tarde, parece haver uma urgência por "misturar os gêneros", ou descobri-los, como num susto, sempre já misturados, contaminando um ao outro desde a origem. A rígida hierarquia que tentou assegurar, por tanto tempo, que os discursos não se misturassem parece começar a perder sua força de lei, mostrando-se, quem sabe, como mais uma ficção legítima. Jacques Derrida, em *A lei do gênero* (1979), começa com uma provocação, ao dizer que não pretende "misturar os gêneros": "NÃO MISTURAR os gêneros. Não misturarei os gêneros. Repito: não misturar os gêneros" (Derrida, 2019, p. 251). Nas linhas derridianas: "Vocês poderiam ouvir 'não misturar gêneros' como uma ordem breve" (Derrida, 2019, p. 252). Não sabemos, com efeito, de onde vem – nem com que força ou necessidade – o chamado que parece exigir que uma fronteira seja transposta. Talvez o deslocamento incessante dos sentidos provocado pela tessitura dessa longa escrita clame, hoje, por alguma experiência de pensamento que já não se deixa caracterizar tão somente como filosófica, embora tampouco tenha simplesmente cruzado o limite em direção ao literário.

Ao provocar essa questão, abre-se uma porta: "sim, sim", pois é como se, ao ouvir a palavra gênero, um limite se delineasse. E, nesse sentido, quando um limite é fixado, a norma e a rigidez não demoram a aparecer: "Assim, a partir do momento em que o gênero se anuncia, deve-se respeitar uma norma, não se deve ultrapassar uma linha demarcatória, não devemos nos arriscar à impureza, à anomalia ou à monstruosidade" (Derrida, 2019, p. 253). Essa lei vale para todos os gêneros: não se deve misturar. Dada essa constatação, Derrida nos convoca a pensar sobre esses limites: e se fosse impossível não misturar os gêneros, existindo de antemão uma contaminação?

Com relação ao termo "tessituras", é importante mencionar que a arte de tecer é antiga, sendo uma das atividades que se atrelam às mulheres no Ocidente desde a poesia de Homero, com suas personagens femininas que tecem tramas, tal como Penélope e Helena. A palavra texto pertence, inclusive, à mesma origem etimológica de tecido: vem do latim *textus*, que quer dizer "tecer", "entrelaçar fios". Tecido vem de *texere*, carregando, assim, o mesmo sentido. O texto se tece, portanto, na forma de um bordado.

No dossiê *Entrelaçar: tessituras filosófico-literárias*, os textos bordam e borram as fronteiras, deslocando limites ao apresentar, em dois volumes, um conjunto de pesquisadores/as que navegam pelos entres: memoriais, cartas, ensaios, artigos, resenhas e traduções. Neste segundo volume contamos com 9 artigos e uma resenha.

O artigo *Os tecidos de Platão*, de Salma Soria, abre o segundo volume do dossiê. A autora reúne analogias têxteis presentes nas dialéticas socrático-platônicas, nas quais o tecido e a roupa aparecem como figuras capazes de iluminar certas compreensões filosóficas. Ao destacar alguns desses diálogos, o texto evidencia como tais imagens operam como instrumentos conceituais na própria tessitura do pensamento platônico.

No artigo *Kant em tempos distópicos*, Douglas Garcia Alves Júnior propõe discutir o campo ficcional da distopia como recurso para entender o que Marina Garcés tem chamado de "condição póstuma". O autor retoma a leitura que Hannah Arendt faz de Kant, especialmente de sua teoria do juízo e do papel da faculdade da imaginação, para justificar a plausibilidade do empenho em pensar questões filosóficas a partir de mundos imaginados.

No artigo *Literatura e sociedade: crítica à modernidade ocidental e ao progresso em O crocodilo e Notas de inverno sobre impressões de verão, de F. Dostoiévski*, Paulo Cesar Jakimiu Sabino analisa criticamente essas obras e busca demonstrar como a produção literária de Dostoiévski se articula com discussões sociais, políticas e filosóficas. O autor analisa a contextualização da situação da Rússia no século XIX e como ela se identifica com questões ligadas à simbologia do "manso" e do "predador".

Em *O drama wagneriano e a esperança no ressurgimento da cultura alemã*, Natália de

Andrade Pereira examina o papel da arte, segundo Richard Wagner, como instância de regeneração do espaço cultural e espiritual da Alemanha do século XIX. Nessa perspectiva, a música não apenas restabelece o espírito trágico, mas também instaura a possibilidade de uma reconciliação do homem com a vida em sua totalidade.

Em *Literatura e filosofia em trânsito: os Orlandos de Woolf e Preciado*, Cíntia Maciel e Nicole A. Marcello discutem as relações entre os discursos literário e filosófico a partir de uma análise das conexões entre essas obras. As autoras partem de uma reflexão sobre os diferentes modos de conceituar o literário e o filosófico e, na sequência, examinam como os objetos literários podem se aproximar de uma prática filosófica, borrando, assim, as fronteiras entre esses discursos.

No artigo *Nietzsche e o pluralismo estético: paradigma literário segundo Alexander Nehamas*, Talita Leal Santos analisa o pluralismo estético de Nietzsche a partir do clássico *Nietzsche: Life as Literature*, de Nehamas, que toma a literatura como *topos* estético e filosófico da obra nietzschiana. A autora sugere que compreender Nietzsche e sua filosofia, à luz da literatura, orienta a leitura para a observação de suas múltiplas possibilidades estilísticas.

Em *Angústia e a provisoriedade da existência em Heidegger e Dostoiévski*, Paulo Campêlo relaciona esses autores e examina a angústia como estrutura da existência e como tarefa inacabável. Partindo de *Ser e Tempo*, reflete como o ser-aí, lançado no mundo, é confrontado pela angústia, revelando a finitude e a liberdade de suas possibilidades. Em *Memórias do Subsolo* e *Crime e Castigo*, Dostoiévski encarna essa oscilação entre queda e recomeço, fracasso e reconfiguração de si.

Em *O perigo da experiência literária: uma análise filosófica da relação entre literatura, ética e cultura*, Giovani do Carmo Júnior investiga o perigo representado pela literatura em determinado ordenamento discursivo garantido pelo currículo escolar da educação básica. Para desenvolver essa análise, o autor estabelece um diálogo entre estética literária e ética a partir de Michel Foucault, Alexander Gottlieb Baumgarten, Tzvetan Todorov, Richard Rorty e György Lukács.

Em *O corpo feminino como expressão poético-artística e política*, Aline de Oliveira Rosa analisa, a partir dos conceitos de "devir-minoritário" e "devir-mulher", de Deleuze e Guattari, em diálogo com Beauvoir, o feminino como espaço poético-estético e político de deslocamento dos modos de vida instituídos. Examinam-se ainda obras de Ghada Amer e Stephanie Sarley como práticas de reapropriação simbólica do feminino, evidenciando a arte como território de insurgência e reinvenção subjetiva.

Concluímos o segundo volume do dossiê com a resenha de Bruno Latini Pfeil do livro *(Im)politicidades derridianas: algunas lecturas periféricas de la deconstrucción*, de Ariel Lugo

e Javier Agüero Águila, que propõe pensar a desconstrução derridiana a partir de experiências, corpos e contextos históricos, recusando universalizações e estruturas fixas. Dentre os muitos temas discutidos, destacam-se a alteridade, a hospitalidade, a soberania, a diferença sexual e a animalidade, questionando hierarquias e dicotomias tradicionais.

Como quem segue um fio que se entrelaça, se dobra e se desdobra, convidamos as leitoras e os leitores a percorrerem estas páginas, onde filosofia, literatura e arte se cruzam. Que cada encontro com estas escritas seja também a experiência de um entrelaçamento (im)possível.